

AS QUATRO ESTAÇÕES DO PROCESSO RELACIONAL

Jorge Caiado Gomes, PhD.

Coordenador da Área de Psicologia da Universidade Atlântica
Membro Fundador Associado do Ramo de Psicanálise da AP (MFaPA)

RESUMO

O autor propõe que a relação de objecto possa ser considerada como um fenómeno ondulatório e socorre-se da metáfora para explicitar uma hipótese sobre o carácter cíclico dos processos de mudança que ocorram no seio de uma Relação de Objecto. Desta forma decompõe um ciclo da dialéctica relacional em quatro tempos distintos, através de uma analogia com as quatro estações do ano e a partir da dominância relativa do Eu ou do Outro no interior do Sujeito Psicológico

Palavras-Chave: Relação de Objecto • Dialéctica • Onda • Criatividade

A DIALÉCTICA ENQUANTO OSCILAÇÃO NOS PROCESSOS CRIATIVOS DE DESENVOLVIMENTO

As ondas parecem omnipresentes em todas as dimensões da nossa realidade. Os físicos encontraram-nas um pouco em todo o lado: primeiro no som, depois na luz e nos fenómenos electromagnéticos. Mesmo a matéria parece ser, na sua estrutura mais íntima, por elas constituída. Em mecânica quântica as partículas apenas podem ser concebidas em associação com as ondas. Desengane-se quem julga que são fenómenos simples: têm uma fonte, um carácter periódico no tempo, uma velocidade, deslocam-se no espaço em todas as direcções e – a natureza é muito inventiva – sobrepõem-se umas às outras articulando e modulando as suas velocidades e formas. Elas abrem-nos, assim, amplos focos de interesse que ultrapassam largamente o seu campo de pesquisa original. Existe por exemplo, com certeza com alguma razão, quem olhe para o funcionamento do cérebro como uma sinfonia de ondas, transportando energia, informação e – quem sabe – talvez mesmo afectos. A verdade é que o conceito de onda se tornou tão universal que pode ser usado indiferenciadamente por físicos, poetas, magos e metafísicos, filósofos e... Psicanalistas!

Desde os limiares da psicofísica até à utilização maciça da curva normal de Gauss, dificilmente podemos considerar que a psicologia se tenha alheado do estudo das ondas. Mas talvez a dimensão «ondulatória» do nosso psiquismo ainda não esteja suficientemente compreendida: porque exercerá tão poderoso fascínio o ondular das serpentes, a dança do ventre, o vaivém do ato sexual ou o piscar dos olhos? Alguns publicitários, manifestamente mais pragmáticos que os cientistas, devem ter intuído algo, quando mantém uma rapariguinha ou um rapazinho a abanar as suas formas onduladas, atrás do produto a produzir ondas de choque. A investigar...

Na verdade, a psicologia do desenvolvimento socorre-se com frequência de conceitos habitualmente utilizados para definir as ondas. Assim falamos de fases (quando se fala da fase de um ponto da onda diz-se da característica desse ponto em termos da sua amplitude local e da variação local dos valores da propriedade periódica), de ritmos, de amplitudes, ou de ciclos do desenvolvimento (o conceito de estágio é muito mais frequentemente utilizado com a conotação de ciclo do que de estado). Neste sentido, a psicanálise, enquanto teoria do desenvolvimento, não foi excepção.

Mas o movimento ondulatório mais comum, tal como estamos habituados a reconhecê-lo, também se propaga – de acordo com uma função – no interior de limites antagónicos (que às vezes definimos como

limites inferior e superior). Podemos então imaginar uma *função* qualquer que se vai determinando, em termos da sua amplitude, entre dois factores (limites) que sejam simultaneamente antagónicos e complementares. Ora nada parece mais adequado para nos socorrer enquanto metáfora (e aqui apenas enquanto metáfora) na ilustração de uma *transformação desenvolvimental* que ocorra no interior de uma dialéctica entre dois termos antagónicos.

É isso exactamente que pretendemos fazer neste trabalho: socorrer-mo-nos da metáfora «onda» para explicitar uma hipótese sobre o carácter cíclico dos processos de mudança que ocorram no seio de uma relação dialéctica entre um Sujeito e um Objecto.

Olhemos para a seguinte figura, para compreendermos melhor onde queremos chegar:

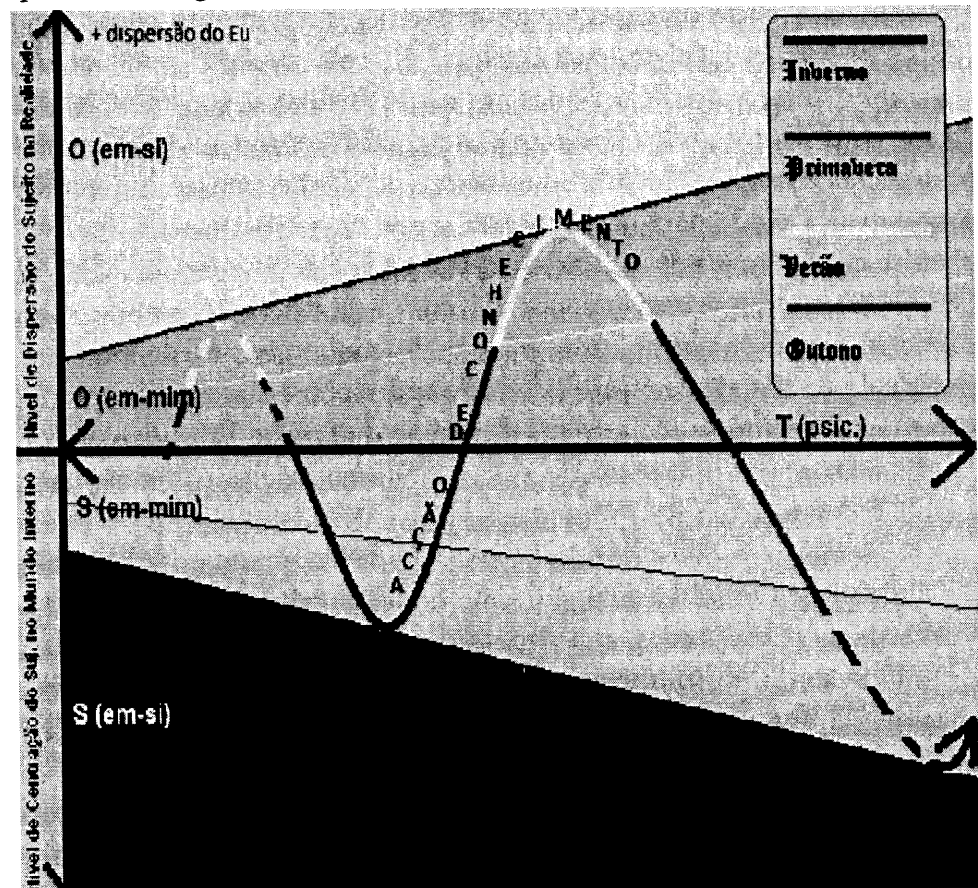


Fig. 1 – Ciclo de uma Acção de Conhecimento de um Sujeito que se transforma no seio de uma Relação de Objecto

Esta figura pretende representar um ciclo inteiro de um processo de mudança – que define o processo criativo – de um sujeito de acção que se transforma no interior de um processo dialéctico entre uma instância «interna» (ex.: Eu em mim) e uma instância «externa» (ex.: Outro em mim). Esta figura é muito complexa e mereceria uma melhor definição dos seus termos. Mas não sendo esse o objectivo deste trabalho, vamos utilizá-la para ilustrar um ciclo inteiro de uma mudança criativa que ocorra no interior de uma relação humana, real ou imaginada. O exemplo mais citado será o da relação analítica, mas pensamos que este ciclo inteiro é válido tanto para um instante relacional, quanto para um período longo de desenvolvimento (Piaget demonstrou a desfasagem de dominância entre os períodos de maior desenvolvimento cognitivo e os de maior desenvolvimento intelectual); mas também pode valer para a alternância entre os períodos em que o analista se centra mais na relação empática com o seu paciente e os períodos em que se centra mais nos aspectos epistemológicos e ontológicos do conhecimento humano; ou pode valer ainda para a alternância entre os momentos em que o artista se centra mais nos aspectos artísticos e subjectivos da sua obra e os momentos em que está preocupado com a perfeição formal da sua realização. Em todos estes casos o grau de conhecimento do Sujeito depende da amplitude da possibilidade de se deslocar entre os dois polos. Quanto maior a amplitude, maior a dimensão do Sujeito Psicológico (de que são subsistemas o Sujeito Afectivo e o Sujeito Intelectual) e as suas possibilidades de actuação.

Defendemos pois que a relação humana é um fenómeno ondulatório. Não é uma onda solitária, mas sim uma onda constituída por milhares de milhões de outras ondas, constituindo cada uma delas uma partícula de significação do nosso universo mental e material. Afastamo-nos pois radicalmente dos empiristas que vêm a relação como um conjunto de vectores cujas direcções dependem de relações de causalidade. Tendemos mais a ver a relação como uma onda, que é um caso especial de uma recta, que pode ser um círculo ou uma espiral, como a nossa Via Láctea. Assim, em vez de só causas temos: causas, acaso, encontros, desencontros, fases, desfasagens, realidade, irrealidade... Mas o que nós intuímos (e deixamos ao matemáticos e aos físicos a tarefa de nos apoiar ou desmoronar) é que

se trata de um acto contínuo, pautado por pausas e escuridão.

O Sujeito está pois em perpétua «trans-formação», ao mesmo tempo que transforma aquilo com que se relaciona. Nós vamos aqui assumir (todo este texto é uma hipótese em tom de *rêverie*) que a transformação é o cerne do fenómeno criativo. A inspiração, o momento genial, podem fazer parte do processo criativo, mas a criatividade é um processo em permanente construção. O Sujeito criativo é todo aquele que se transforma, transformando. Inversamente, todo o acto de transformação é um processo criativo.

Por outro lado, sendo «trans-formação», o ato criativo implica sempre um movimento de oposição e síntese entre uma coisa e outra coisa diferente. Dois polos que oponham sempre um certo grau de antagonismo. Aqui no nosso texto, entendemos como criatividade aquilo que se sintetiza no interior de uma relação intersubjectiva de antagonismo e complementaridade entre um Sujeito e um Objecto. Em psicanálise designamos isto por Relação de Objecto.

Sendo neste encontro suposto falar de amor, onde é que ele entra no meio disto tudo? Se olharmos para o nosso desenho, vemos que na onda que representa a acção transformadora criativa/relacional (acção de conhecimento), existe um período em que nos afastamos de nós mesmos para nos aproximar do objecto e existe outro período em que nos afastamos do objecto para nos reaproximar de nós próprios. Chamamos amor com (a) minúsculo à vivência fenomenológica (afectiva e intelectual) do conjunto de movimento de atracção pelo Outro (que pode ser a ideia que fazemos de nós próprios); como não existe bela sem senão, chamamos ódio com (o) minúsculo à vivência associada aos movimentos de repulsão em relação ao Outro. Claro que se estivermos a falar, por exemplo, de amor-próprio, tudo isto se inverte e deixa de ser válido, mas o drama dos conceitos é que são sempre relativos ao contexto em que são produzidos.

Para os que estão decepcionados com esta forma fria de falar de amor, queria dizer o seguinte: não existe um amor, existem amores: existem momentos de paixão e intimidade sobre os quais é despudor falar; existe preocupação, sobressalto, convivência, cumplicidade e querer-te muito. Mas existe também zanga, aborrecimento, decepção e perversidade. Mas se tivéssemos de definir o amor assim, de forma genérica e sem ofender

Camões, diríamos que o amor é aquilo que, depois da zanga de ontem, faz com que de manhã, olhando para ti, não duvide nem por meio segundo que te vou querer sempre a meu lado e que sou completamente teu... Até ao fim dos tempos. O amor pois, assim com A grande, é ligação humana e não exclui o ódio: mas obriga à permanência e ao fôlego de o Outro continuar assim: vivo, saudável e actuante dentro de nós, muito para além de nós. «Amor em tempos de inverno» é isso mesmo: «estou aqui longe, frio da vossa ausência e sem o vosso cheirinho... mas apesar da dor, a simples recordação é mais que suficiente para me preencher por inteiro, até às lágrimas de paixão».

Ódio com A grande é doença.

O Amor, para poder ser chamado de amor tem pois de durar pelo menos “um ano”: senão chama-se um *flirt* e é puro *entretenimento* (em relação ao qual não queremos nem podemos emitir juízos morais). Mas durante este “ano”, a vivência da transformação criativa está longe de ser homogénea, sobretudo na dominância relativa que acordamos ao Outro em relação a Nós próprios.

Durante este ano simbólico, que tanto pode demorar algumas fracções de segundo como uma vida inteira, uma análise ou tempo de pintar um quadro, nada é homogéneo. A relação é feita de *nuances*. Exactamente como as estações do ano. Vamos então falar de um ciclo em quatro tempos, no interior da dialéctica que apresentámos.

A ESSÊNCIA DO DESAMPARO: INVERNO

Se bem que existam uma enorme diversidade nas formas como se pode reagir ao inverno, vamos utilizar esta estação como uma metáfora da época de recolhimento do Sujeito sobre Si-mesmo. Claro que tal apenas vale para as latitudes que têm as quatro estações do ano bem demarcadas, mas vamos escolher a imagem de uma cabana longínqua de um qualquer país nórdico, rodeada a perder de vista por metros de neve. Lá dentro, um pescador solitário espera, inclinado sobre a lareira e de olhos fixos no vazio, que a estação fria cesse para retomar a sua faina.

Todos nós, de forma mais ou menos profunda, temos momentos em que somos obrigados, qual Narciso – o auto admirador –, a confrontarmo-nos

com o drama da nossa individualidade. Seja lá isso o que for. O Nós-mesmos, enquanto qualidade para além da memória do vivido e do desejo do futuro, é a tomada de consciência de uma presença. Presença que teima em nos fugir, tal como nos foge a visão do sol quando fixamos nele o olhar. Presença incómoda umas vezes, reconfortante outras, mas sempre instável. Não sabemos por que estranhas leis do nosso universo psíquico, mas o absolutamente semelhante é-nos insuportável assim como, de forma dialéctica, nos é insuportável o absolutamente diferente. Alberoni, em «A inveja», explicava como nós apenas invejamos quem nos está de alguma forma próximo. Daí que pareçamos condenados a uma perpétua oscilação entre dois imãs igualmente repelentes.

O movimento de união do «Eu» a partir do «Eu mesmo» é a essência do movimento depressígeno. Este movimento do humor normal, distinto da depressão psicopatológica, é tão necessário para a vida psíquica quão são necessárias as baixas pressões atmosféricas para manter vivo o fenómeno climático. É um movimento de reunificação de elementos de vivências do eu a partir do seu centro de gravidade. Para unificar as partes que permaneceram dispersas no movimento relacional é necessário um continente que acolha conteúdos. Por exemplo, para um terapeuta poder acolher os conteúdos do seu paciente tem de permanecer numa «posição depressiva», tal como Melanie Klein a intuiu. O terapeuta «maníaco» não o faz: tenta moldar. Da mesma forma, para observarem uma qualquer originalidade que vai representar, o pintor ou o escritor têm de permanecer por momentos nesta mesma «posição depressiva». Talvez assim se explique uma certa qualidade criativa de tantos melancólicos...

Contudo, apesar do que foi dito e como como viram Winnicott, Balint ou Bion, muito para além de Melanie Klein, o que caracteriza a dialéctica relacional é precisamente um paradoxo. O paradoxo que está contido em todas as relações de antagonismo e complementaridade: no centro do «Eu» o que poderá existir senão esse grande Outro que nos acolhe, gera e dá significado? Era o que defendia Carl Jung, fundindo Self e Psyché – esta última tomada no sentido do conhecimento do grande Outro universal – no centro da nossa personalidade e nos limites entre o inconsciente individual e o inconsciente colectivo. Será este o grande anátema que condena a Psicanálise à exclusão do pensamento científico,

na medida em que se aproxima assim perigosamente do pensamento místico? Parece-nos contudo que é este mesmo paradoxo, o que funda a unidade do sujeito nos ecos de significação que lhe advêm do exterior, que torna o pensamento psicanalítico verdadeiramente «eco-lógico». Precisamente o contrário do pensamento «de-pendente», no sentido em que concede um valor absoluto (em-si) a cada um dos termos em confronto.

Voltemos então ao nosso velho pescador, sentado na sua cabana: nalgum momento, apesar do treino que lhe advirá de longas invernias suportadas na infância, irá sentir a insuportabilidade do peso da sua própria presença. É aí que o Outro, o que outrora foi e que entretanto se ausentou, vai terminar por se impor. Talvez a memória de um pôr-do-sol, junto ao barco, num mar líquido onde A viu pela primeira vez.

Deixemos agora este, e passemos para um outro velho: o bebé humano. Em que estação nasce o bebé humano?

São muitos os autores que pressupõem um estado de autismo «simbiótico» original. Esta ideia levada ao extremo equivale a pressupor uma indiferenciação absoluta do sujeito em relação ao seu objecto, numa espécie de equilíbrio termodinâmico psíquico. Será tal possível? Também pensamos que não. O início da vida psíquica é apenas uma continuidade relacional. Não devemos nunca confundir o início da identidade percebida com o início da vida psíquica e relacional. Para existir relação tem de existir desequilíbrio e oscilação. Hoje, já são muitos os que falam da interacção precoce entre a mãe e o seu feto. Portanto, olhando para o nosso esquema, podemos questionar: em que momento da curva oscilatória nasce o bebé? Estamos convictos que esta questão é muito mais importante do que pode parecer à primeira vista.

Pensem apenas no seguinte: para o feto, estreitamente ligado à sua mãe através de um elo físico mas também de vivências afectivas e cognitivas, aquilo que é *realmente* partilhado pode ser *subjectivamente* vivido como seu. Quer dizer que os sentimentos e as vivências da mãe são, pelo menos parcialmente, também seus (o estudo desta questão representa hoje um enorme desafio mas também uma promessa). Neste sentido, o que é que acontece às partes partilhadas por altura do nascimento? O sujeito fica parcialmente privado delas, o que corresponde a dizer que

fica parcialmente amputado de si próprio: «Que frio que aqui está! Onde estou? O que é feito de mim? Da parte de mim que me foi amputada? Que pobre e desolado eu estou! Não aguento mais isto... onde está aquilo... Aquilo?...

Nascido no fim do inverno da gravidez, privado da sua parte mais superficial, resta ao agora bebé o que lhe é mais profundo, essencial, próximo da *physis*. Rapidamente esfomeado e em desconforto físico, em risco real de vida, apenas lhe é possível virar-se para o exterior. O real impõe-se precisamente, de forma dialéctica, pela sua ausência.

Mas esta viragem para o exterior não acontece de qualquer maneira. É feita a partir dos instrumentos que o bebé possui. O que o bebé quer não é um real lá fora, que desconhece, ao contrário do que acontecia com o primeiro velho. É um real do que foi vivido lá dentro, experienciado e apenas acessível através de uma certa forma de memória. A memória é sempre um fenómeno alucinatório, sempre me disse Carlos Amaral Dias. É uma ausência tornada presente. É uma (sempre impossível) mesmidade, porque as condições em que se produz estão sempre a mudar. A partir daqui a alucinação, a matéria-prima de qualquer processo imagético representativo, guardará sempre estes três componentes: a memória de uma realidade vivida como gratificante; a consideração de uma realidade presente, porventura sentida como inoportuna; e uma tentativa de reajustamento das partes inaceitáveis desta realidade à memória sentida como ideal. Assim a idealização, a última parte deste processo – antes da identificação introjectiva –, é e será sempre uma componente do fenómeno alucinatório. A Idealidade é sempre uma comparação com um estado anterior, realmente vivido, ou sentido como vivido. Neste sentido, a idealização é sempre a expectativa de um «re-encontro». Contudo, o grande defeito da memória é que, na medida em que conserva uma forma, a cristaliza, privando-a da vida que outrora teve. Cristalizada, a memória adquire os contornos do gelo, dos cristais. Qualquer melancólico sabe que é viver preso a um fantasma do passado. Perante a explosão de cor, cheiros e sabores que constituem uma verdadeira vivência, o «Si mesmo» que se constituiu a partir de um condensado de resíduos, parece um cadáver esbranquiçado. Precisamos de, em cada instante, injectar vida nestes despojos, iluminando-os e vivificando-os com a *presença*. Perante o

desamparo do nascimento e o carácter inócuo da completude fantasmática (sempre uma falsa completude) resta ao bebé virar-se para o exterior, posicionar-se para o lado de lá. Sair de si.

O que faz o pintor no «Inverno»? Talvez nada... É o romântico improdutivo a cheirar o bolor da sua dispensa, recordando quando «há muito, muito tempo, eras tu uma criança, que brincava no baloiço...». Ou talvez o surrealista deitado na sua cama, tentando figurar o seu fantástico sonho... É a semente que ainda não germinou, à espera dos primeiros raios de sol, avaliando as condições do terreno em que foi enterrada...

Em clínica, o Inverno corresponde ao momento em que a pessoa sente que sozinha, pelos seus próprios meios, não vai ser capaz de superar o seu problema. Sente que se voltar a relacionar-se tudo vai acontecer como antes: uma sucessão de erros em círculo. Talvez tenha de procurar um psicoterapeuta... Mais tarde este inverno regressa, mas já sob a forma de sonhos, de uma elaboração depressiva, de um processo de reelaboração e de reconstrução, tão possível quanto uma presença implícita de um Outro lhe permitir pensar o que é estar só.

Em si, o gelo representa o domínio do impensável, ou seja, da forma pura. Para pensar tem de existir relação. O gelo representa a vivência dolorosa da solidão; o vazio. Mas o gelo é também o domínio da onipotência, da ilusão de tudo poder estando só; da auto-suficiência narcísica. Disse-me uma paciente: «Não gosto de multidões... Gosto da frescura e da pureza da manhã, quando tudo está em silêncio... Nunca fui friorenta: sempre gostei mais da frescura sóbria do que do calor do Verão... o calor é bom para os pretos... estou desconfiada que tenho uma costela nórdica qualquer... Gosto de olhar para os outros a partir de fora, como se fosse um jogo. Assim percebo tudo o que se passa... são todos tão tolinhos!». Outro paciente psicótico, em fase de recuperação: «Tive um sonho estranho: sonhei com uma casa isolada no meio da neve. Era tudo branco. Eu estava lá dentro e sentia muito frio... eu estava gelado e quando olhei pela janela não via nada à minha volta... só gelo...». Este paciente já está em fase de recuperação porque já pode olhar para a sua solidão através do sonho. Outro ainda, já em fase de elaboração da depressão, mas consciente das dificuldades inerentes à

desistência do narcisismo, sonhava: «à minha volta existiam inúmeras poças... misturadas com neve suja de lama... à minha direita existia uma enorme torrente resultante do degelo... eu sabia que a deveria atravessar, mas tinha medo de ser arrastado e morrer afogado...».

ESPERANÇA E RENOVAÇÃO: PRIMAVERA

Na primavera, os animais e as plantas saem de um estado de embrionismo larvar, espécie de estágio numa essencialidade que os define, para o grande encontro que define o sexo. Neste encontro todos estão dispostos a formarem-se e a deformarem-se para agradecer ao Outro. A primavera é, antes de mais, uma grande sedutora. Tudo, na natureza, veste aquilo que tem de mais belo para atrair visitantes. Tudo é charme: os cheiros, os sons, a cor... bela noiva de branco vestida, lábios púrpura e flores de laranjeira. Mas não era desta primavera que estávamos a falar... ou era, não sabemos bem!

O que sabemos é que são relativamente raros os bebés que são deixados ao abandono: de um lado, «vem cá meu amor! Deixa a mamã dar um beijinho... Coisinha tão boa...»; do outro, «Ah! Eis-me-te, que não te perdi. Anda cá meu amparo; dá-me força que me estou a sentir tão fraquinho... tão aflito! Como eu te conheço tão bem, és-me tão familiar e eu tinha-te perdido!

A identificação é exactamente aquilo que designa: o reconhecimento do idêntico. O insecto que nasceu em Março não reconhece a flor que o acolhe? Não conhece ele outra coisa! O «re-encontro» tinha hora marcada, certinho como um pêndulo. A identificação e a imitação não são a mesma coisa, como alguns autores defendem. Mas são muito próximos: nós imitamos aquilo com que nos identificamos, ou que de alguma forma queremos assimilar, ou incorporar. Se o Sujeito não mimetiza o Outro, pelo menos mimetiza o gosto do Outro: põe-se conforme o gosto do Outro para assim se poder «re-produzir». A produção implica um meio de actuação onde poderemos ensaiar a nossa especificidade. É esta a ironia e o paradoxo do sexo: para podermos voltar a ser nós próprios temos de nos submeter às exigências do Outro... que aspira reencontrar-se em nós!...

Deixemos por instantes o patético da racionalização: ai como é boa a paixão! Não venham cá com histórias que o amor é que é bom. O que é mesmo, mesmo bom, é a paixão. Há muito que os velhos alquimistas sabiam qual é a *solutio perfecta*, aquela que gera o ouro alquímico: aquele ténue e perfeito momento de intimidade presente no primeiro beijo dos que há muito o desejavam; a electricidade gerada na humidade que fica entre a glande e os lábios maiores da vagina, dum casal que há muito que não vê a «luz».

O que estamos a falar aproxima-se do encontro entre o humor delirante e uma convicção delirante. A essência da primavera, neste prisma um pouco simplificado, representa o encontro entre a idealização – ainda de carácter onírico e predominantemente afectivo – e a identificação do idealizado – já num plano intelectual e real. «Já ouvi falar de si», diz-me uma paciente logo nas primeiras sessões, confundindo-me com outro terapeuta; «é estranho», continua, «acabei de o conhecer e parece-me que o conheço desde sempre». Promessa de uma intimidade tão temida quanto desejada: «o Doutor é como eu, também tem muito bom gosto... assim é que as janelas devem estar... sem cortinados... só com as portadas à vista». Também neste sentido os namorados, olhando-se profundamente nos olhos, proclamam com alguma frequência: «não tens este sentimento que eu tenho? Parece que te conheço desde sempre. Tenho a certeza que nos conhecemos noutra vida... há muito tempo... pertencia-mos a uma tribo qualquer, estava-mos muito apaixonados e fomos violentamente separados...».

Assim vamos nós deixando as férteis mil águas de Abril e nos vamos aproximando do Verão: o Outro e a Realidade vão ocupando um lugar cada vez mais amplo no espaço relacional.

A ÉTICA DO DESLUMBRAMENTO: VERÃO

Através da metáfora “Verão” queremos nós aludir à fase do ciclo relacional em que o Outro, ou a realidade, tem o seu peso máximo na economia psíquica do sujeito. É a dispersão, naquilo que apresenta de diferenciador, mas também de alienante e centrifugador. É a possibilidade de penetrar em profundidade no outro – útil e necessária – depende

obviamente da nossa solidez narcísica e da capacidade de nos alhearmos temporariamente de nós próprios. O verão, para a/o jovem, é uma oportunidade para conhecer um(a)s ex-trans-geiro(a)s. O verão é a ética do deslumbramento: a luz que nos cega pela sua capacidade de alhear. Para o homem maduro é a oportunidade de ser generoso. Freud, segundo as palavras de Anna, dedicava o verão a longos passeios com os filhos. Um pouco longe de Nietzsche, que se refugiava só, nos montes alpinos próximos de Veneza... over-qualquer coisa... semi-nazi!

O verão é o tempo de nos perdermos no Outro, de estar com os filhos, com o conjugue, com os amigos... É o tempo de esquecer as glórias e as humilhações. Estar com as crianças, ouvir os seus pontos de vista, conversas... míni-preocupações... Que se lixem as dores nas costas: é o tempo das cavalitas!

Para os namorados, já lá vão as indianas flores... É tempo de comer e trincar o fruto... de dis-frutar o agridoce...

O amante da natureza já não olha, dorme e deixa-se abraçar pela sombra, pelo calor... é nadar nos mares uterinos, planar nas águas!...

O pintor é realista...

No outro lado, no lado dos loucos, o maníaco entrega-se a mil realizações, mil paixões. Tudo a mil à hora. O importante é não desperdiçar nada dessa nobre tarefa que é «ex-istir». Ainda mais tudo isto é vivido com uma indefectível boa disposição. Parece abençoado pelos deuses, com facilidade em pensar, sentir, comer... O que é que pode provocar mais inveja a alguém que carrega nos ombros o peso sombrio da depressão? De um certo ponto de vista, o delírio desorganizado do esquizofrénico é apenas um surto maníaco de segunda categoria. Numa sociedade onde a hipomania é tão valorizada, o que falha então? Em qualquer dialéctica, os opostos, para além de se complementarem também se anulam. Se isto for bem feito, de acordo com determinadas regras, da colisão dos postos resulta «algo que é terceiro e novo, isto é, um filho que anula ou que há de oposto nos pais e forma uma “natureza dupla e unificada”» (Jung, 1971-85). Se a dialéctica permanece desequilibrada num dos seus opostos (a tal de-pendência), é a generatividade que sofre, pois à unidade falta a temperança que apenas o outro polo pode fornecer. Tal como a Lua alquímica tem um lado brilhante da lua cheia e um lado negro

da lua nova, também o Outro é sempre fascinante, amante, generoso; mas tenebroso, odioso e frustrante. Dito de outra forma, nenhuma mãe, amante, amigo, podem ser sempre maravilhosos. Como dizia em conversas muito informais o saudoso Carlos de Jesus, um verdadeiro mestre para alguns de nós: «todo o homem nasce nu e morre só!». A este respeito Dorneus (in Jung, *opus cit.*, p.47), na sua *Philosophia meditativa*, exclamava: «Que loucura é essa que vos cega? Porque é em vós mesmos, e não como que partindo de vós, que existirá tudo isso que procurais fora de vós. Tal é o vício do ordinário que despreza tudo o que é seu próprio para cobiçar sempre unicamente o alheio... Pois em nós brilha francamente (obscura) uma vida, a qual é como que uma luz dos homens no meio das trevas (...)». Escravo do Outro (do materno, se quiserem), encadeado pela luz do sol, o maníaco estilhaça-se em mil pedaços. Perdendo-se a si próprio, sempre em busca de reconhecimento, perde o fio condutor que lhe daria, precisamente, a tão desejada oportunidade de existir de forma criativa (generativa). Daí que o maníaco-depressivo, regressado desta alienante viagem, se confronte de novo com o insustentável vazio.

A SEPARAÇÃO E A INDIVIDUAÇÃO: OUTONO

Após a euforia associada à fusão com o Outro, surge, inevitável como qualquer outra lei do Universo, a decepção. Existe algo que evita a fusão perpétua. Senão a dialéctica ficaria interrompida e com ela a dinâmica da própria acção. Quando o verão se perpetua para além do tempo surge uma espécie de náusea, como a da mulher que não menstrua com a devida regularidade. A dispersão obriga-nos a um dispêndio contínuo, que produz uma espécie de cansaço. O cansaço que advém da alienação de si, da saída do seu próprio centro de gravidade. Tal apenas é idealizado por quem sai dos abismos de uma depressão sentida como intolerável. Estes ficam tão fascinados com a luz que nem sequer percebem que estão a afastar-se em demasia. Para os outros, é calor a mais, agitação a mais.

É esta a função da angústia de fragmentação: avisar-nos que nós estamos a dispersar em demasia e que temos de reunir, de «re-pousar». Neste sentido, opõe-se à angústia de perda, associada a sentimentos de vazio, que empurra o sujeito para a relação. A angústia de fragmentação, no

seu sentido mais positivo, impede que o eixo alucinação/identificação se prolongue até o sujeito ficar embriagado pela potência que a apropriação do objecto lhe confere: «eu sou o messias!...».

O sujeito normal tem pois que retomar o fio condutor que o vai reconduzir à sua autonomia:

- Assim a criança com seis meses ensaia os movimentos de autonomização tão magistralmente descritos por Margareth Mahler (1972). Entra na segunda metade do ciclo sensório-motor que a irá conduzir à representação de si e do mundo; à aquisição da linguagem e da possibilidade de dizer não; à formação de uma identidade de segundo nível (a identidade de primeiro nível é uma identidade sensorial e motora).

- O paciente começa a desidealizar o terapeuta e a perceber que tem a capacidade de resolver os problemas por si. Tal apenas acontece se o terapeuta for desidealizável; quer dizer, se o terapeuta não for maníaco e lhe permitir este movimento saudável de afastamento sem imprimir sentimentos de culpa (precisamente aquilo que os pais dos nossos pacientes fazem tão frequentemente para fugirem dos seus próprios sentimentos de vazio). Em termos macro analíticos aproximamo-nos do fim da análise. Em termos micro analíticos o paciente vai-se recentrar nos sintomas. Em muitos casos parece que estes voltam em força e isso pode conduzir o terapeuta a uma sensação de desespero. Sobretudo se o paciente fala da necessidade do fim da análise e o terapeuta sente que ele ainda não está preparado. Mas uma análise mais atenta permite verificar que os sintomas já não são vividos exactamente da mesma maneira: agora o paciente já traz um novo olhar – um olhar partilhado com o analista – que lhe permite distanciar-se dos mesmos e diferenciá-los, atribuindo-lhes novos níveis de significação.

- O Pintor realista contempla pela última vez a sua criação: está bela, tem o brilho da vida; transporta consigo páginas de uma intimidade que soube bem viver. Contudo ela também é frequentemente só isso: uma realização, muitas vezes tecnicamente admirável. Tal como a Mercedes anuncia que «para nós o perfeito é imperfeito», para se poder continuar a pensar, uma nova impressão (será isso o impressionismo?) tem de se formar no espírito. Esta muitas vezes vai-se opor por completo à primeira. O grande pensador tem de ter esta capacidade de se afastar da

sua anterior produção intelectual. Olhá-la com um novo olhar, a partir de um novo prisma que se vai materializando no espírito para, no fim, resultar em algo completamente diferente. Não mais verdade do que a verdade anterior, apenas diferente. O registo onírico e a capacidade de sonhar, a partir de uma fonte interior em perpétuo devir, reaproximam-nos assim de algo que vai permitir o processo de individuação.

O Outono da vida, como Erikson (1998) acentuou, consiste em aprender a lidar com o desespero da separação. Aprender a suportar o luto. Mas tal apenas é possível quando a solidão não for exactamente estar só.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ERIKSON, E. (1998). *O ciclo vital completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
JUNG, C. (1985). *Mysterium Coniunctionis*. *Obras completas de C.G.Jung*. (Vol. XIV/1, 340 páginas). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1971)
MAHLER, M. (1972). On the first three phases of the separation-individuation process. *International Journal of Psychoanalysis*, 53, p. 333-338.

Title: The Four Seasons of the Relational Process

ABSTRACT

The author proposes that the Value Object may be regarded as a wave phenomenon and use the metaphor to explain a hypothesis about the cyclical nature of change processes that occur within this dialectical situation. Thus he split up an entire cycle of this relational dialectics at four different times through an analogy with the four seasons and from the relative dominance of the Self or the Other within the Subject-Psychological.

Keywords: Object Relation • Dialectics • Wave • Creativity